

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CARLA GOUVEIA STENCEL**

**OS CAMINHOS DO ENSINO DA CULTURA CAIÇARA NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE PONTAL DO PARANÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO  
EMANCIPATÓRIA COM OS ESTUDANTES DE 2º E 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

**MATINHOS**

**2011**

**CARLA GOUVEIA STENCEL**

**OS CAMINHOS DO ENSINO DA CULTURA CAIÇARA NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE PONTAL DO PARANÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO  
EMANCIPATÓRIA COM OS ESTUDANTES DE 2º E 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Curso de Especialização em Questão Social  
pela Perspectiva Interdisciplinar, Setor Litoral,  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Elisiani Vitória Tiepolo

**MATINHOS**

**2011**

**OS CAMINHOS DO ENSINO DA CULTURA CAIÇARA NAS ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE PONTAL DO PARANÁ: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO  
EMANCIPATÓRIA COM OS ESTUDANTES DE 2º E 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Carla Gouveia Stencil<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Este artigo apresenta uma proposta que tem como proposta o resgate e a valorização da cultura caiçara, através de um trabalho de estudo e pesquisa nas escolas de Pontal do Paraná, com alunos de 2º e 5º anos do ensino fundamental. Esse trabalho está comprometido com o ensino regionalizado, emancipatório, participativo e dialógico, que propicie aos estudantes o acesso aos saberes seculares da cultura caiçara.

Isso porque a educação é um campo fértil para a construção de vários conhecimentos que nos auxiliam no desenvolvimento de várias competências, esse processo de aprender e ensinar não se restringe a escola.

Neste sentido, podemos mencionar a interação dos estudantes com a comunidade caiçara local, o que contribuiu para fortalecimento da proposta de incluir práticas educativas sociais que possibilitem ao processo de ensino formal o diálogo com as comunidades tradicionais como meio para se manter viva a cultura caiçara local.

Palavras- chave: Cultura caiçara. Educação emancipatória. Resgate cultural. Ensino regionalizado.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia (F.C. B.), Professora da Prefeitura Municipal de Pontal do Paraná, lotada na Escola Municipal Anita Miró Vernalha. Artigo apresentado para avaliação final do Curso de Especialização em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar (UFPR). Turma 2010. E-mail: carlagtc@hotmail.com

**ABSTRACT:**

This present paper is proposed rescue and appreciation of culture caiçara through a work-study and research in schools Depth of Paraná, with students of 2nd and 5th year of elementary school. The proposal for an education committed to teaching regionalized, emancipator, participatory and dialogic, that provides students access to knowledge caiçara secular culture. Education is a fertile ground for the construction of several skills that assist us in developing various skills, this process of learning and teaching is not restricted to school.

In this senesce we can mention the interaction of students with the local community caiçara which contributed to strengthening the educational proposal to include social practices that enable the process of formal dialogue with traditional communities as a means to keep alive the local culture caiçara.

Keywords: Caiçara culture. Emancipatory education. Cultural revival. Education regionalized.

## **Introdução**

Este artigo tem como objetivo o reconhecimento e a valorização do legado histórico-cultural caiçara nas escolas municipais de Pontal do Paraná, com a participação de estudantes de 2º e 5º anos do ensino fundamental primeira etapa, através de um trabalho de estudo e pesquisa sobre o modo de vida caiçara local que conta com a participação coletiva na construção de saberes necessários para a formulação de uma visão que vai além dos muros da escola e amplia conceitos, educando para a vida.

A fundamentação teórica e metodológica levou em consideração alguns parâmetros da pedagogia de Paulo Freire, um dos mais notáveis educadores brasileiros reconhecido internacionalmente e que defende uma educação problematizadora e dialógica, enfocada na realidade sócio cultural do educando.

Como referência no auxílio à compreensão, desvendamento e preservação da cultura caiçara local foram utilizados os estudos de Antônio Carlos Sant'Ana Diegues, antropólogo, coordenador do Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (Nupaub), da Universidade de São Paulo, à Agência Fafesp.

Lançando uma nova visão sobre as comunidades caiçaras, Diegues reuniu textos de vários autores, abordando diversos temas, como a história cultural, os saberes tradicionais, as relações que os caiçaras mantêm com o mar e a natureza, as práticas utilizadas para a conservação da biodiversidade, modos de vida, conseqüências do turismo e os enfrentamentos diante das áreas de proteção permanente; esta coletânea está dividida em cinco volumes na Enciclopédia Caiçara.

As escolas hoje em dia se deparam com o desafio de modificar seus espaços, em prol de uma aprendizagem significativa que valorize os conhecimentos regionais. O histórico dessas comunidades caiçaras conta que, com a modernidade e a lógica do capital falando mais alto, essas populações foram forçadas a acompanharem a modificação decorrente do progresso, com o passar dos anos foram se transformando e adaptando suas práticas culturais aos ciclos econômicos da região, em decorrência do vertiginoso crescimento da população oriunda de outras localidades. Em conseqüência disso, houve um processo de

desvalorização da cultura caiçara; portanto, o fortalecimento e resgate deste patrimônio imaterial tornam-se uma questão social importante a ser considerada. Faz-se necessária a reflexão sobre a possibilidade de se construir uma escola que não tenha o rigor formal das escolas tradicionais e que estimule a formação do educando valorizando a sua formação social e pessoal, ou seja, uma proposta de educação com ensino regionalizado, que propicie às crianças o acesso aos saberes dos caiçaras habitantes seculares de Pontal do Paraná. Segundo Hernández, (1998:13)

[...] "A paixão e o risco por explorar novos caminhos que permitam que as escolas deixem de ser formadas por compartimentos fechados, faixas horárias fragmentadas, arquipélagos de docentes passem a converter-se em uma comunidade de aprendizagem onde a paixão pelo conhecimento seja a divisa e a educação de melhores cidadãos o horizonte ao qual se dirige."

Assim, torna-se imprescindível agir na preparação de novas estratégias e adequações do trabalho pedagógico que possibilitem a valorização do ser humano através de um contato mais amplo possível com o mundo que nos cerca.

## Educação Emancipatória

A escola não é o único lugar onde se aprende, mas é nela que conseguimos sistematizar e construir conhecimento desenvolvendo inúmeras competências. Dentro dessa concepção, o professor não é aquele que tem respostas prontas, acabadas, mas o que instiga e faz questionamentos, ensina o aluno a pensar e a pesquisar, ampliando sua visão de mundo.

A proposta de trabalho aqui apresentada foi pensada com a finalidade de garantir a inclusão de práticas educativas que possibilitem a preservação e o reconhecimento da cultura caiçara local, onde o processo educativo formal possa dialogar com os saberes das comunidades caiçaras. Segundo Vigotsky, (1997: 37),

“Os grupos culturais em que as crianças nascem e se desenvolvem funcionam no sentido de produzir adultos que operam psicologicamente de uma maneira particular, de acordo com os modos culturalmente construídos de ordenar o real. É importante mencionar que a dimensão sociocultural do desenvolvimento humano não se refere apenas a um amplo cenário, um pano de fundo onde se desenrola a vida individual [...] toda a vida humana está impregnada de significações.”

Assim, da leitura da relação do indivíduo com o seu meio e de seu comportamento em uma determinada comunidade, suas inter-relações, seus valores e dos saberes coletivos é que nasce o que podemos chamar de cultura.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica, prevê que a escola, na perspectiva de construção de cidadania precisa assumir a valorização da cultura da sua própria comunidade, ao mesmo tempo, buscando ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso do saber, nos critérios de seleção dos conteúdos curriculares de pluralidade cultural para os primeiros ciclos. A proposta é que devem contemplar a abrangência solicitada pelo tema, adequando-se à realidade dos alunos e professores. Já o artigo 26 da vigente LEI DE DIRETRIZES E BASES DE EDUCAÇÃO NACIONAL LDB Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996 estabelece que:

[...] “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada exigida pelas

características regionais e locais de sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”

Sabe-se que o ser humano é o único ser que cria cultura, que é obra de seus conhecimentos ao longo da vida, segundo Freire (1996:30),

[...] “pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela – saberes socialmente constituídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.”

Para tanto, a escola deve respeitar os saberes socialmente constituídos que os alunos trazem da sua prática comunitária, assim como relacionar os mesmos com o ensino dos conteúdos.

Tendo em vista a educação freireana dialógica e problematizadora propõem que questões sociais sejam apresentadas como instrumentos para aprendizagem e a reflexão, favorecendo ao desenvolvimento em relação à autonomia das crianças, deve-se partir da realidade vivida pelo educando e a partir dela criar novos conhecimentos que possam auxiliar em uma possível intervenção ou diferente visão de mundo, pois

[...] “a autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas [...] É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas de liberdade.”  
(FREIRE, Paulo. 2007 p.107)

De acordo com Freire, a autonomia só se desenvolve no aluno que tem seu processo educativo pautado na liberdade que lhe confere o reconhecimento de direitos, deveres e responsabilidades.

A partir desses pressupostos, optou-se por fazer uma pesquisa qualitativa que pode se dividir em duas partes, com base na história de vida dos caiçaras através de pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo que foi fundamentada em discurso falado, registros pessoais e fotografias.

A primeira parte da pesquisa iniciou-se na sala de aula com a turma de 5º ano, com debates sobre o tema em rodas de conversa, pesquisas nas aulas de informática, produção textual, confecção de mural, e a segunda parte relata a pesquisa de campo que é um encontro com a comunidade caiçara local com o

intuito de descobrir sua realidade social, questionando, interagindo e buscando informações, ensinar exige pesquisa, conforme comenta Freire (1996, p: 29),

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

Nesse sentido, os educandos tornam-se pesquisadores e juntos nos apropriamos de saberes que estão sempre em movimento e em transformação. É interessante ressaltar que as crianças participam coletivamente nesse processo de pesquisa de forma ativa e democrática em todas as tomadas de decisões, sugerindo passos e ajudando a resgatar a memória local através do despertar do interesse pela cultura caiçara, que proporciona a inclusão de práticas educativas e sociais promovendo a formação efetiva dos alunos, como sujeitos críticos e conscientes do seu papel na sociedade. Todo o material coletado pelos alunos através da pesquisa foi divulgado e compartilhado em um intercâmbio de saberes com alunos em nível de alfabetização, que estão cursando o 2º ano, em outra escola do município.

### **Breve Histórico da Comunidade Caiçara**

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada no município de Pontal do Paraná, por 27 alunos de 5º ano da Escola Municipal Luis Amatuzzi de Pinho, localizada no balneário de Shangrilá, e por 22 alunos de 2º ano da Escola Anita Miró Vernalha, localizada no balneário de Ipanema.

A proposta de pesquisa surgiu após visita realizada ao museu de Arqueologia e Etnologia de Paranaguá, que faz parte do cronograma do “Projeto Pontal eu Conheço”, que contempla as escolas municipais de Pontal do Paraná, a nível dos 5º anos, da primeira etapa do ensino fundamental, e que proporciona excursões para maior conhecimento dos locais históricos da região. Em uma das salas do museu, observamos vários utensílios utilizados para fabricação da farinha de mandioca, como prensa, tipiti, forno; alguns apetrechos de pesca, canoa e

peixes empalhados. Vários alunos reconheceram alguns desses objetos, mas não conseguiram associar a eles o nome que estava fixado na placa da parede: “Casa Caiçara”.

Chegando a escola, a questão abordada no museu ainda estava sem resposta para alguns alunos, a partir de então foi resolvido fazer uma roda de conversa, para que aqueles que soubessem o significado do termo caiçara pudessem explicar com suas próprias palavras para os colegas que não entenderam. A partir desta roda de conversa em sala de aula pouco ficou esclarecido, então foi decidido então pesquisar mais a respeito do tema.

Foi iniciada a pesquisa com os alunos determinados a procurar alguns livros que falassem a respeito da cultura caiçara. Logo surgiu à primeira dificuldade encontrada, que foi com relação à inexistência de materiais especializados relativos a esse assunto na biblioteca da escola, o que estimulou de certa forma a proposta de reunir materiais para divulgação da cultura caiçara em nossa escola. Partiu-se então da escolha democrática na roda de conversa, da utilização das aulas de informática como meio de conseguirmos essas informações. Como o cronograma das aulas de informática na escola é de apenas uma vez por semana, foi necessário utilizarmos quatro semanas para a coleta de informações relativas ao assunto. Com a intenção de incentivar a prática do debate e da reflexão voltados para a origem das comunidades caiçaras locais, foram utilizados na abordagem do tema alguns textos selecionados nas pesquisas realizadas pelos próprios alunos.

### **Origem da cultura caiçara**

A cultura caiçara surgiu de um processo de acumulação histórica de saberes e pode revelar diferentes grupos que formaram a diversidade étnica do povo do litoral Paranaense, que tem a sua formação o índio (Carijós, Tupiniquins e Tupinambás), o branco (de origem portuguesa) e uma discreta contribuição do negro, de acordo com pesquisa realizada em material da História de Pontal do Paraná, [...] formou-se um povo com características distintas, ou um povo novo (RIBEIRO, 1970, 1997). Historicamente essas comunidades tradicionais caiçaras foram se formando desde o início da ocupação do litoral do Paraná e ao longo dos anos.

“Caiçara é uma palavra de origem tupi que se refere aos habitantes da zona litorânea.

Inicialmente designava apenas aos indivíduos que viviam da pesca de subsistência. Mais tarde, o termo caiçara veio designar diversos itens de cunho cultural no litoral brasileiro, mais precisamente no sul e sudeste. As comunidades caiçaras nasceram a partir do século XVI da miscigenação de brancos de origem portuguesa com grupos indígenas das regiões litorâneas do estado de São Paulo (TUPINANBÁS) e do oeste fluminense. Também houve o aporte de negros libertos que se afastaram da influência das áreas urbanas (cidade e vilas).” (CENTRO DE ESTUDO CAIÇARA – IGUAPE).

De acordo com pesquisas realizadas pelos alunos com o auxílio do material sobre a história de Pontal do Paraná do professor Diogo Costa. A língua dos índios habitantes desta região foi utilizada durante muito tempo pelos colonizadores, que com o emprego do português acabou extinguindo-se ao longo dos anos, principalmente com sua obrigatoriedade a partir de 1757. Esta foi a matriz étnica dos brasileiros, cujos costumes foram herdados ou modificados ao longo do tempo, a partir de relações e de trocas de costumes inter-racionais, tão comuns no Brasil na sua colonização.

“Quando a região de Paranaguá sofreu os impactos da colonização no século XVI, os caiçaras passaram a se manifestar por um modo de vida próprio, baseado no cultivo da mandioca, na pesca, no extrativismo vegetal, e na caça. Por conta de uma decadência econômica, no final do século XIX, esses habitantes do litoral passaram a se isolar dos grandes centros urbanos, ocupando as ilhas próximas das cidades litorâneas desenvolvendo um modo de vida peculiar.” (DIEGUES, 2004).

Através dos relatos do naturalista e botânico francês Auguste de Saint – Hilaire, em 1820, época em que viajou pelo Brasil fazendo pesquisas sobre plantas medicinais utilizadas nas regiões, a ligação entre Paranaguá e demais localidades ao sul provavelmente era efetuada através de barcos até Pontal do Sul, seguindo-se de carro de boi pela praia até Matinhos. A Praia de Leste era utilizada apenas como rota natural que ligava Paranaguá a Guaratuba. A abertura da Estrada do Mar se deu por volta de 1926, e ao longo dessa estrada é que eram estabelecidas as atividades advindas da produção humana realizada através de pequenos grupos de imigrantes alemães com suas rudimentares instalações de comércio e dos núcleos de pescadores que praticavam a pesca individualmente ou em grupo. Desde o relato de Saint – Hilaire até a metade do século seguinte praticamente não se encontram registros históricos relativos ao município de Pontal do Paraná.

O professor e antropólogo da Universidade Federal do Paraná, José Loureiro Fernandes (1946/1947), deixa um importante relato sobre a abertura e o

alongamento das PR 407 e 412, quando foi facilitado o acesso de Paranaguá a Curitiba. Acompanhou o desenvolvimento da construção da estrada da praia e descreveu a geografia da planície de Praia de Leste com os traços geológicos fundamentais, os sambaquis e os povos que contribuíram para a formação do homem caboclo litorâneo, nesse caso os brancos, os índios e os negros, sendo que para esse autor a contribuição negra foi imperceptível. Em seu trabalho, José Loureiro Fernandes fotografou a praia, onde podia ser constatada a presença do gado, introduzido pelos europeus, e habitações na praia visando à pesca, cujo aspecto revela que a contribuição indígena perdurou por muitos séculos

À medida que o tempo passou, o crescimento urbano foi seguindo de forma desordenada e a população caiçara local enfrentou problemas com a demarcação de seus lotes. Houve problemas com os moradores da localidade, que infelizmente estão perdurando até hoje para a especulação imobiliária, que fez com que pequenos núcleos de moradores migrassem para áreas mais afastadas da praia, na medida em que o núcleo urbano foi se formando e as propriedades se valorizando. A partir de 1987, a população local começou a reivindicar a emancipação política das praias do município de Paranaguá para formar um novo município, chamado Pontal do Paraná. A criação ocorreu em 20 de dezembro de 1995, após a aprovação na assembléia do Estado do Paraná e conseqüente eleição de prefeito e vereadores, tendo-se implantado a sede administrativa em Praia de Leste. O município de Pontal do Paraná foi criado pela lei nº 11.252 de 20/12/1995, e recém instalado em janeiro de 1997. Situa-se no litoral do Paraná a uma distancia de 100 km da Capital do Estado, Curitiba, tendo como atividades econômicas principais o turismo, a pesca e o artesanato, possui características peculiares a cidades litorâneas e um total de 48 balneários. Dentro dos aspectos geográficos, possui uma área de 200.551 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2010). O município de Pontal do Paraná limita-se ao sul, com o município de Matinhos; a Oeste com o município de Paranaguá; ao norte, com a Baía de Paranaguá e a leste com o Oceano Atlântico. População total de 17.820 habitantes aproximadamente.

O início do envolvimento das comunidades locais com o turismo vem se intensificando a partir da década de 60, quando os primeiros veranistas vindos de Curitiba e norte do Paraná passaram a freqüentar as praias do litoral do Estado, a partir da construção de rodovias como BR-277 e a PR-407. A partir deste momento, teve início a indústria do turismo no litoral, pela qual a prioridade é suprir

as necessidades dos veranistas que a comunidade local se esforça em atender através da prestação de serviços domésticos e comercialização de produtos da pesca. Atualmente, o município de Pontal do Paraná tem uma população que se tornou bem heterogênea do ponto de vista de origem dos munícipes e conta principalmente com o período de temporada de verão para alavancar a sua economia e, desta forma, houve uma verdadeira invasão de pequenos e médios comerciantes que se instalaram na região. Poucas oportunidades são oferecidas à comunidade caiçara, que tem sua participação limitada ao setor da pesca e ao trabalho informal.

### **Cultura Caiçara**

Durante este estudo os alunos perceberam que a comunidade caiçara estava identificada nos textos por outras denominações, como: povo novo, povo com características distintas, caboclo litorâneo, e população local. A palavra caiçara não foi utilizada, demonstrando aos alunos não ser tão conhecida e divulgada para denominar as populações nativas do litoral do Paraná. Continuamos, então, a pesquisar nas aulas de informática sobre o termo caiçara e encontramos algumas referências a respeito: “Caiçara, Caa-içara é de origem Tupi Guarani. Caa significa galhos, paus, mato e Içara significa armadilhas (TOFFOLI, MANSUR, 2010)”.

Cristina Adams em seu trabalho sobre as populações caiçaras, comenta sobre a designação da palavra caiçara para designar também as comunidades do litoral do Paraná.

“Esse termo denomina as estacas colocadas em volta das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores ficadas nas águas para secar o peixe. Com o passar do tempo passou a ser o nome dado as palhoças construídas nas praias para abrigar a canoas e apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar os indivíduos e comunidades do litoral dos estados do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.” (ADAMS, 2000).

É digno de nota que na comunidade caiçara local alguns pescadores ainda hoje utilizam estacas fincadas para secar suas redes, cercar suas casas e costumam guardar seus apetrechos de pesca em barracões feitos de pau do mato e madeira na beira da praia.

A Enciclopédia Caiçara (vol.IV, p.131) descreve as habitações dos pescadores do litoral do Paraná como cabanas de base quadrangular, com sua cobertura de duas vertentes que eram feitas de duas camadas de folhas de palmeira construídas com técnica apurada, eram entrelaçadas e travadas com camadas sobrepostas. As casas eram submetidas à ação da fumaça, o que tornava seus telhados impermeáveis, as paredes eram feitas com folhas de palmeiras e o chão de terra batida. Com o passar do tempo foram aprimorando suas práticas e criando algumas versões de casas construídas de tábua nas laterais e assoalho a alguns centímetros do solo por se localizarem próximas à orla, as mais retiradas eram feitas com aproximadamente um metro de distância da terra e para entrar utilizava-se uma pequena escada.

No site Museu Caiçara de Ubatuba encontramos a seguinte afirmação: “A população tradicional caiçara é hoje um dos últimos traços visíveis do momento da criação do povo brasileiro”. (TOFFOLI, MANSUR, 2010).

“O caiçara se caracteriza por um vasto conhecimento da natureza, adquirido com experiência, especialmente do mais velho. Esses conhecimentos são considerados pelos pesquisadores Érika Fernandes – Pinto e José Geraldo W. Marques, como aprofundados, ricos em detalhes e muitas vezes concordantes com observações científicas. O conjunto de informações teóricas-práticas que os pesquisadores apresentam sobre o comportamento, hábitos alimentares, reprodução e colonização dos peixes. Oferece grandes fontes de conhecimento praticante desconhecida pela ciência ocidental sobre como manejar, conservar e utilizar recursos naturais de maneira mais sustentável. “Esse conhecimento, baseado na experiência, em muitas regiões esta tão ameaçada de extinção quanto os próprios recursos biológicos. (PINTO; MARQUES, 2004, P. 164).

Por meio desses conhecimentos os caiçaras demonstram um entendimento enorme adquirido com a afinidade entre mar e natureza que os cerca, é repassado de pai para filho através de um perfeito entrosamento de gerações, o relato a seguir demonstra essa relação homem e natureza,

[...] “quando perguntamos a um caiçara antigo, o que é natureza? É normal ouvirmos como resposta que a natureza é tudo que Deus criou. Por isso, quando se fala do homem caiçara, não podemos separar homem e natureza, o homem é a natureza. A cultura por sua vez, a transformação da natureza, e o misticismo sua alma.” (CULTIMAR, 2005, p.07).

Após reunirmos o material pesquisado pelos alunos, debatemos sobre o tema cultura caiçara e destacamos as partes relevantes que falassem a respeito e que

nos fornecessem subsídios para a construção de um texto coletivo que representasse o entendimento do grupo sobre o assunto, e assim finalizamos a primeira etapa do trabalho.

### **Colônia de pescadores Z-5**

A pesquisa de campo foi a segunda fase do trabalho, em que fizemos excursões de campo para observação do cotidiano das comunidades caiçaras locais, com intuito de reconhecer a realidade social e produzir saberes através desta interação entre o ensino formal e os saberes dessas comunidades.

As aulas de pesquisa de campo aconteceram durante quatro semanas nos dias que pudemos sair sem maiores adversidades, como chuva, palestras de última hora e o não comparecimento de um número significativo de alunos.

O roteiro proposto foi de visitarmos a colônia de pescadores Z5- de Pontal do Paraná, o mercado de peixe de Shangrilá e algumas casas de famílias tradicionais caiçaras que se dispuseram a conversar conosco sobre suas memórias.

No primeiro dia de pesquisa de campo visitamos a colônia de pescadores Z5, de Pontal do Paraná, onde grande parte da população caiçara participa por meio dessa entidade para assegurar os seus direitos previdenciários, também promove alguns encontros para a discussão de projetos que beneficiam o pescador e suas famílias.

Na colônia os alunos encontraram muitas fotos expostas no mural que relatavam alguns acontecimentos importantes vividos pelos pescadores e a luta diária pela sobrevivência dos seus referenciais identitários.

Em conversa informal com algumas pescadoras que estavam buscando informações sobre a renovação das carteiras da pesca, conseguimos relatos sobre vários assuntos e o que nos chamou mais a atenção foi sobre a articulação das mulheres pescadoras, que através de rodas de conversas e reuniões com suas representantes, têm conseguido identificar vários problemas que são obstáculos nos avanços das políticas sociais e de gênero na pesca artesanal. Essas mulheres caiçaras contribuíram e muito para que através de troca de experiências com colônias de diversos estados possam fomentar novas políticas públicas de acordo com suas necessidades específicas e aspirações.

O Primeiro Encontro Nacional Das Trabalhadoras Da Pesca e Aquicultura, rumo à superação das desigualdades sociais, foi um momento que marcou a história dessas mulheres caiçaras do nosso município e também do Brasil inteiro. A conferência foi realizada em Luziânia, cidade de Goiás, nos dias 7 a 9 de dezembro de 2004.

“Concretizar um antigo sonho de pela primeira vez na história do Brasil e América Latina reunir trabalhadoras da pesca e da aquicultura para debaterem seus problemas e apresentarem propostas de solução. [...] Dez mil mulheres se envolveram desde o início no processo de organização do Primeiro Encontro Nacional, desde as reuniões preparatórias nas comunidades até os encontros estaduais, com confiança e determinação escolheram as 463 representantes nacionais. As propostas apresentadas pelas pescadoras serviam de subsídios para a formulação das políticas públicas da SEAP/PR e demais órgãos do Governo Federal.”

[www.mpa.gov.br/mpa/seap/mulheresrevista\\_pesca\\_11\\_10.pdf](http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/mulheresrevista_pesca_11_10.pdf)

Para que esse encontro fosse realizado, houve várias reuniões com as pescadoras nos seus municípios de origem, em Pontal do Paraná as reuniões contaram com o apoio de um grupo de estudantes do CEM/UFPR, com a coordenação da professora Náina Pierri Estades, socióloga, doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR, nos anos de 2004 e 2005, foi realizada através desta equipe que teve como objetivo uma caracterização geral sobre o lugar e a condição social das mulheres pertencentes às comunidades pesqueiras do litoral do Paraná, teve como foco principal uma intervenção educativa que ressaltou a importância dessas mulheres como agentes de desenvolvimento na reprodução econômica social de suas comunidades e de sua organização e mobilização política.

Os alunos participaram da atividade na Colônia e de volta a sala, para reflexão sobre o tema, cada um tentou escrever em seu caderno qual a relação que poderíamos fazer com as matérias estudadas e os relatos das pescadoras. Durante a roda de conversa, algumas associações com temas já trabalhados em sala foram feitas, principalmente em relação aos movimentos sociais, como por exemplo, foi comentado sobre Chico Mendes (Seringueiros), o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e os alunos também perceberam a grande importância do suporte dado às pescadoras através da equipe de pesquisa do CEM/UFPR, torna-

se imprescindível o papel social que a Universidade exerce junto a essas comunidades tradicionais, apontando caminhos e possibilidades para o enfrentamento diante das desigualdades sociais.

Resgatar a memória cultural dessas comunidades é parte da construção de identidade, como afirma Woodward (2002, p.19),

[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora. A identidade é a interseção das nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação.

Com a comparação feita entre o referencial cultural das comunidades caiçaras locais e atuais articulações com movimentos sócio-políticos, essas integrações foram feitas em face às mudanças ocorridas de uma época à outra, entende-se que está se referindo a uma cultura de idéias, maneiras de reagir e organizar - se em uma sociedade que persiste em ser desigual.

### **Mercado de Peixe**

Na segunda semana de pesquisa de campo, a visita foi ao mercado de peixe de Shangrilá. Conseguimos observar o trabalho realizado nas bancas, as canoas acostando na praia, alguns pescadores remendando redes de pesca e todo um ambiente que retratou a atividade principal da comunidade caiçara local, que continua sendo a pesca artesanal.

Conversando com alguns pescadores, eles relataram aos alunos sobre como utilizavam as redes de acordo com a espécie de peixes, e que cada rede tem o tamanho de malha, fio, chumbo e corda diferentes para os peixes de superfície, os peixes de percurso ou os peixes de fundo. A distância que esses pescadores precisam se afastar da costa da praia para pescar, depende da espécie de captura, peixe ou camarão. As canoas usadas para a pesca não são mais construídas de madeira como antigamente era tradição caiçara, as leis ambientais extinguiram com essa prática, e hoje a fibra de vidro é o material mais utilizado na construção das canoas; o uso dos remos ficou como auxílio no direcionamento das embarcações e, na eventualidade de alguma falha do motor de centro, eles são muito importantes para que o pescador possa retornar à costa da praia.

Dentre os comentários sobre a pesca, observou-se certo saudosismo de épocas anteriores, quando não havia tantas modernidades, mas o pescado era encontrado com facilidade e fartura; período em que as famílias trabalhavam unidas e cooperavam umas com as outras.

Em visita ao mercado de peixe, entrevistamos a dona Maria, mais conhecida como “mulher de seu Mauro”, que relatou sua rotina diária:

“Cedinho estamos de pé, mais ou menos umas cinco da manhã, pra ajudar os filhos e o marido que vão pra fora (mar), tem que fazer café e prepara a mistura que eles vão passar o dia inteiro no mar. Ajudo a descer a canoa e puxa a carreta no combro (parte de areia mais elevada e alta na praia), aí chispamos (andar rápido) pra praia, na banca que já tem sempre coisa pra fazer, limpa camarão, peixe, às vezes tem chumbo pra botar na corda da rede, serviço que não falta. Lá pelas nove horas da pra merenda e da uma corridinha em casa, coloca umas roupas no varal e dá uma olhadinha no almoço das crianças que vem da escola. Voltamos pra banca e aí as vezes tem freguês, as vezes tá fraco (pouco movimento). Só sei dizer que com tudo, com tudo, a vida é corrida mais dantes era bem pior, hoje tem muito mais facilidade, tem mercado luz elétrica, água tratada, podemos até estudar pertinho mesmo depois de velho, tem uns que chego até a ganhar cesta básica, que já se vira uma coisa dessa? Que no meu tempo só em Paranaguá e não era todo mundo!. Não posso dizer que não bate uma saudade de vez em quando, mas só do que era bom, da pra pensar na natureza que se perdeu com esse amontoado de casa levantada no lugar onde nós tinha as lagoas, as dunas, as roças, as fontes de água limpinha, os criadouros de peixe que era de fartura nas redes, hoje em dia a gente sabe que não volta mais. Acho importante as crianças da escola que sabem mais da vida dos pescadores, dos antigos moradores do litoral!”

O relato da dona Maria se encaixa muito bem na tradição oral que reconstrói parte de um costume de vida caiçara habitual, que pode ser recuperado pela memória dos mais velhos, por meio de registros escritos ou gravados através da pesquisa dos alunos. Se fizermos uma comparação com os dias atuais dessas comunidades, podemos notar as transformações que com o passar dos anos foram se constituindo em um novo cenário caiçara local. Todas as observações feitas nessa visita ao mercado de peixe ressaltaram a importância de se desenvolver a sensibilidade dos alunos em relação ao espaço que constitui os referenciais culturais identitários desses grupos.

Na terceira aula de campo, fomos visitar o Secretário da Pesca de Pontal do Paraná, o senhor Jair Nascimento, que é um dos moradores antigos da comunidade caiçara. Ele nos relatou sobre a lenda da Figueira do Corpo Seco. Contam os antigos que na época em que havia escravos na região, um deles

cansado de tanto ser açoitado resolveu fugir, mas foi capturado e o amarraram ao tronco de uma figueira e o chicotearam bastante. Tudo isso aconteceu próximo ao rio Guaraguaçu e o escravo fujão foi deixado ali até morrer. Dizem que a figueira consumiu seu corpo lá esquecido e por isso o tronco dessa figueira permanece até hoje com o seu formato de um corpo seco.

Essa lenda foi ouvida com muita atenção pelos alunos, que comentaram sobre a escravidão e relacionaram com fatos históricos por eles estudados, refletiram sobre aos aspectos culturais e sociais envolvidos.

### **Experiência na Escola Anita Miró**

O trabalho de pesquisa realizada com o 2º ano da Escola Municipal Professora Anita Miró Vernalha, foi realizado em decorrência do trabalho anterior com a turma de 5º ano da Escola Municipal Luis Antonio Amatuzzi de Pinho, sobre o tema cultura caiçara, nos mesmos moldes, mas com algumas adaptações em virtude dos alunos estarem em processo de alfabetização, o que dificulta a leitura e a pesquisa bibliográfica.

Todos os textos pesquisados e livros encontrados pelos alunos do 5º ano foram colocados à disposição dos alunos de 2º ano, em um movimento de saberes. Os textos passaram todos por um resumo, o que facilitou a sua compreensão pelos alunos em alfabetização.

O início do trabalho em sala de aula partiu da leitura de um livro intitulado “As Lendas na Educação Caiçara”, desenvolvido pelo projeto Cultimar nos moldes da Educação Biorregionalista para a região do litoral do Paraná. A proposta inicial desse projeto desenvolvido desde 2005 é gerar novas fontes de renda para as comunidades caiçaras tradicionais de forma sustentável e sem o risco de descaracterizar o seu ambiente natural. A Cultimar começou como um projeto do Grupo Integrado de Aquicultura e Estudos Ambientais (GIA), da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente esse projeto virou uma marca de ações ambientais, socioeconômicas e culturais do GIA.

O modo de vida do caiçara foi contado através de alguns antigos moradores e o projeto selecionou algumas dessas histórias para fazerem parte desse livro. Discutir a relação entre comunidade caiçara e o meio que os cerca, manifestados

através de lendas, mitos, superstições e um rico arsenal de saberes construídos através dos longos anos da sua história é difundir o valor da sabedoria caiçara na conservação dos modos de vida tradicionais que constituem a sua cultura.

A primeira história contada para as crianças foi a lenda da Piragui, uma espécie de sereia que cuidava dos estuários marinhos e todas as áreas circundantes, arrastava as embarcações para bancos de pedra a fim de afundá-los e assim proteger as espécies que vivem no mar. Na tradição oral caiçara essa lenda era contada para as crianças para que elas temessem e respeitassem a Piragui, forma de inculcar desde a mais tenra infância os cuidados com a natureza, tendo ciência de que se pode ser castigado se não forem cumpridas as regras. Abordamos vários assuntos pertinentes à história da lenda da Piragui e relacionamos com a preservação do meio ambiente e folclore caiçara regional.

O trabalho realizado com esse rico material da Cultimar foi utilizado durante quatro semanas consecutivas. As atividades foram divididas em quatro partes ao todo: os personagens que cuidavam da natureza, que são a “Piragui e o Pai do Mato”; na parte seguinte temos “Dialogando com a Natureza”, que revela o diálogo do caiçara com a natureza que o cerca; mais adiante o tema é “Entendendo a Natureza”, histórias que falam um pouco da religiosidade e das festas realizadas nas comunidades como fortes elementos na construção da identidade caiçara; para finalização o objetivo é a construção de outras práticas que possam auxiliar na revitalização da cultura caiçara na comunidade local.

Após a finalização dos textos, “contação de lendas” e das crianças realizarem atividades lúdicas sobre o tema, foram formadas rodas de conversa para falarmos um pouco mais sobre o que era prioridade fazermos naquele momento, com a intenção de colocarmos tudo o que havíamos aprendido em consonância com a realidade da nossa comunidade local. Agendamos duas saídas de campo que se realizariam uma vez por semana, aos locais de importante relevância para a construção da identidade caiçara por parte dos alunos.

Na primeira aula de campo, os alunos conheceram o mercado de peixe que foi muito utilizado pelos pescadores nos anos 80, e a primeira cooperativa de pesca que foi construída ao lado do mercado onde todo o processo de beneficiamento e armazenamento era realizado, atualmente apenas duas famílias de pescadores usam esse espaço na época de temporada e a cooperativa está desativada. Os alunos observaram duas canoas, que estavam na frente do mercado, feitas de

madeira antiga e desgastadas pela ação do tempo. Observamos todo ambiente natural da orla, a restinga na praia e retornamos para a sala de aula para conversarmos sobre o que aprendemos e registrarmos tudo o que vimos através de desenhos.

Na segunda aula de campo, visitamos a Casa da Cultura para conhecer o pequeno acervo de peças antigas utilizadas pelas comunidades caiçaras locais que servem de referencial das suas tradições, usos e costumes.

Em seguida, partimos em direção à vila dos pescadores, onde os alunos ouviram relatos dos próprios caiçaras sobre como era a vida antigamente na comunidade.

A primeira pessoa com quem conversamos foi Dona Dulce, que contou que nasceu em 1932, quando Pontal da Paraná era município de Paranaguá, e seu esposo Gênico é um dos pescadores mais antigos da região; são ambos caiçaras e meio parentes, diz ela que na época que se casaram as casas eram bem distantes umas das outras e não havia praticamente nenhuma modernidade. O transporte era feito pelo mar através de canoas, em carros de bois ou a pé pela beira da praia. Nesta época não havia a rodovia para Paranaguá, apenas uma pequena estrada de chão em alguns trechos e muito mato, quando construíram a PR 407 e a PR 412 foi que o acesso para Curitiba e Paranaguá foi facilitado com apenas dois horários, de manhã e a tarde. A higiene era feita através de banhos na lagoa e beber água só na fonte, não era fácil resistir nesses tempos, mas eles nos contam que sentem muita saudade dessa época.

Das festividades, o fandango era tradição; o senhor Gênico contou que depois de lancearem tainha sempre tinha a festa pra comemorar e fazer o acerto dos quinhoeiros com o dono da canoa. As mulheres participavam com os maridos e levavam as crianças junto, dançavam a Queromana e outras marcas, sempre acompanhadas da rabeça (violino de quatro cordas) e do pandeiro.

A família como centro na vida do caiçara é uma das melhores tradições enraizadas até os dias de hoje; aprende-se com os mais velhos através do conhecimento oral e do aperfeiçoamento do saber através do fazer.

O pescador Antonio, caiçara há mais de cinco gerações, fez uma demonstração prática de como utilizar apetrechos de pesca e redes, e os alunos puderam experimentar embarcar uma rede na canoa, puxar uma rede de arrasto de camarão e perceber todo o processo realizado na pesca artesanal.

De volta à sala de aula os alunos realizaram a confecção de um mural com as suas aprendizagens no processo de resgate da cultura caiçara local.

### **Considerações Finais**

A realização desse artigo foi motivada pela necessidade do reconhecimento da cultura caiçara por parte dos alunos das classes onde atuo como professora, através da percepção da importância da inclusão de práticas diferenciadas que contemplem uma aprendizagem regionalizada e principalmente de autonomia no resgate da história e cultura de comunidades como a de Pontal do Paraná.

O trabalho de pesquisa desenvolvido está longe de abarcar e aprofundar a totalidade do tema cultura caiçara, mas tem a finalidade de modificar essa realidade de silenciamento sobre esse tema em nossas escolas. Tem que se ter ousadia e começar de um determinado ponto a formar cidadãos autônomos, humanistas e dialéticos, que assumam a responsabilidade de valorizar os referenciais identitários da sua comunidade através de uma educação emancipatória. Muito importante que se diga que a análise do discurso produzido pelos alunos em virtude da construção da pesquisa aprovou e legitimou a contribuição para a formação através do conhecer, compreender, propor e agir.

A pesquisa realizada na comunidade caiçara local permitiu efetiva configuração da identidade local e de sua população para esses 49 alunos, que pretendem divulgar a importância da cultura caiçara nas suas escolas, pois é por intermédio da cultura que o homem e a sociedade interagem com o mundo a sua volta. Dentro da proposta no âmbito escolar, as crianças foram protagonistas do resgate e valorização da cultura caiçara de forma participativa e autônoma, o que serviu para a partir desta pesquisa montar uma estrutura de informações referentes às experiências realizadas pelas crianças que poderão servir de base para o planejamento de uma continuação de trabalho sobre a cultura caiçara com outras turmas.

Atuando como professora e fazendo parte da comunidade caiçara de Pontal do Paraná, essa pesquisa veio ao encontro de algumas aspirações profissionais e pessoais que há muito tempo foram por mim proteladas. Continuarei com esse trabalho estudando, ampliando, mediando os conhecimentos em relação à história

e à cultura dessas comunidades tanto nas escolas onde trabalho como também na comunidade à qual eu pertenço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext) Bosi, Ecléa. Cultura de massa e cultura popular. Petrópolis: vozes. 1986.

CULTIMAR. Recursos Naturais na vida Caiçara. 2005. Disponível em: [http://www.cultimar.org.br/sistema/up\\_anexos/304a245048f29365b83b8ca235caeebb.pdf](http://www.cultimar.org.br/sistema/up_anexos/304a245048f29365b83b8ca235caeebb.pdf) Acesso em: 20/10/2011

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. Enciclopédia Caiçara. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB: CEC/ USP. 2004 V.1

ENCICLOPÉDIA CAIÇARA, volume VI, História e Memória Caiçara

FREIRE, PAULO, (1996). Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra. 41ª reimpressão.

HERNÁNDEZ, F. Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: ArtM, 1998.

MATERIAL SOBRE PONTAL DO PARANÁ

<http://diogocosta.pbworks.com/w/page/26341522/Hist%C3%B3ria%20de%20Pontal%20do%20Paran%C3%A1>

MEMORIAL: I Encontro Nacional das Trabalhadoras da Pesca e Aqüicultura, Rumo a Superação das Desigualdades Sociais. Secretaria Especial da Aqüicultura e Pesca. [http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/mulheres/Revista\\_Pesca\\_11\\_10.pdf](http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/mulheres/Revista_Pesca_11_10.pdf)

PARÂMETROS CURRÍCULARES NACIONAIS, Temas Transversais: Pluralidade Cultural

LEI DE DIRETRIZES E BASES DE EDUCAÇÃO NACIONAL LDB Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

PINTO, Érika Fernandes; MARQUES, José Geraldo W. Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba, Paraná. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Anna. Enciclopédia Caiçara. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB: CEC/USP. 2004. V.1.

TOFFOLI, Daniel; Mansur, Gustavo. Museu Caiçara. 2010. Disponível em: <http://www.musc.ai.com.br/museu/index.html> Acesso em 20/10/2011

## **ENTREVISTAS**

Costa, Eugênio Norberto (Gênico). Entrevista concedida aos estudantes em aula de campo realizada no balneário de Ipanema, dia dezoito de outubro de 2011.

Tavares, Dulce Gonçalves. Entrevista concedida aos estudantes em aula de campo realizada no balneário de Ipanema, dia dezoito de outubro de 2011.

Costa, Antonio Tavares. Entrevista e demonstração de práticas utilizadas na pesca artesanal realizadas no balneário de Ipanema, dia dezoito de outubro de 2011.

Maria e Mauro. Entrevista concedida aos estudantes em aula de campo realizada no balneário de Shangrilá, dia 27 de setembro de 2011.

Nascimento, Jair. Entrevista fornecida aos estudantes em aula de campo realizada no balneário de Shangrilá, dia quatro de outubro de 2011.